Māntrika Upaniṣad

(Nº 32. Sāmānya. Yajur-Veda Branco)

Tradução em inglês de T. R. Śrīnivāsa Ayyaṅgār - 1941

Tradução em português de Eleonora Meier - 2019

[Essa tradução é baseada no comentário de Śrī Upaniṣad Brahma-Yogue. A tradução concisa de A. G. Krishna Warrier é dada nas notas aos pés das páginas]

A Forma Real do Paramātman

(Essa Upaniṣad, após dar uma descrição da forma real do Paramātman, os meios a serem adotados para a sua percepção direta e para combater a influência da Māyā, o caráter real do Jīva e do Īśa e a identidade entre os dois, procura reconciliar as opiniões divergentes defendidas pelos pensadores em relação ao Paramātman, e termina com uma homilia sobre obter a realização de Brahman e, desse modo, se tornar o Brahman somente.)

1.[a] Aquele que (não é familiarizado com a natureza real do Ātman), (com sua face voltada) em todas as direções, vê o Ātman, (a partir de vários ângulos de visão), como tendo os oito quadrantes (isto é, o Viśva, o Taijasa, o Prājña e o Turyātman, por sobrepor, em seus aspectos individuais, os nomes e formas do mundo fenomênico, ao Brahman, e como o Virāj, o Sūtra, o Bīja e o Turīya, por sobrepor os mesmos em seus aspectos coletivos), como o puro, (desprovido de apego a impurezas de todo tipo, seja individualmente ou coletivamente), como o Haṃsa, (o Ātman mais íntimo, não-diferenciado do Paramātman, a sílaba "Haṃ" sendo indicativa do Paramātman e da sílaba "Sa" representando o Ātman mais íntimo respectivamente), como o que é composto de três fios (da forma do Viśva, do Virāj e do Otṛ, individualmente, coletivamente e parcialmente individualmente e parcialmente coletivamente), como se manifestando como a mais ínfima (partícula de esplendor, que poderia ser compreendida pelo intelecto) como o que é imutável, (a mudança sendo completamente estranha à sua própria natureza), como alcançável através dos três caminhos (do Karma, ação, Upāsanā, meditação, e Jñāna, conhecimento, que poderiam ser distinguidos entre si como o ato de aquisição, os meios a serem adotados para isso e o fim que se busca adquirir), como o "Eu-Radiante" (o Brahman que deve ser concebido na atitude "Eu sou Brahman"), (tal pessoa, por pura ignorância) não vê de modo algum (que a verdadeira natureza do Ātman é apenas o Ātman e que ele não é diferenciado do Brahman transcendente).

Os Meios a Serem Adotados para a Percepção do Paramātman

2-3.[b] Quando, na hora certa, a escuridão cruel (da ignorância) que ilude todos os seres for dissipada totalmente (pelo alvorecer do sol radiante do conhecimento perfeito do Ātman, como resultado de estudo, reflexão e meditação profunda sobre o verdadeiro significado dos sistemas do Vedānta,

---

[a] "O Cisne imaculado de oito patas, amarrado com três cordas, sutil e imperecível, a quem três caminhos levam, eu não vejo embora eu o veja em toda parte."

[b] "No momento, todos os seres vivos estão confusos (na escuridão da ignorância), quando (no entanto) a escuridão impenetrável é destruída (pelo sol do conhecimento salvador), os sábios estabelecidos em Sattva contemplam o Absoluto além dos Gunas (diretamente) na esfera dos gunas. Contemplado por sábios como Kumara, etc., o Absoluto não pode (absolutamente) ser percebido de outro modo."

proposto pelas cento e oito Upaniṣads, começando pela Īśopaniṣad), só então os buscadores iluminados, que estão estabelecidos firmemente no ritmo puro (de seu sentido interno), verão o Paramātman desprovido dos Guṇas (ritmo, mobilidade e inércia), na atitude "Eu sou o Brahman", (exista ou não exista o mundo fenomênico, que é) a caverna onde os Guṇas sobreditos procuram refúgio. Aquele Paramātman que é meditado pelos célebres (Sanaka e outros grandes sábios, que são os) filhos (de Brahman) (na atitude "Eu sou o Brahman"), não pode ser percebido de nenhuma outra maneira.

O Ciclo da Existência Mundana, a Sina do Homem Ignorante, que é Vítima da Māyā

3-6.[c] (O homem de ignorância), que erroneamente atribui (ao Ātman a ignorância e seus concomitantes), medita em (Māya) a mãe da (ilusão a respeito da existência do mundo fenomênico e suas) transformações, que não pode ser reconhecida (como existente pelos conhecedores de Brahman) e é (aos olhos dos ignorantes) possuidora de oito formas (terra, água, fogo, ar, éter, mente, intelecto e individualidade), que não tem origem (sendo desprovida de nascimento, existência e dissolução, quando observada do ponto de vista do conhecedor de Brahman), que é mais dura (do que o diamante mais duro de quebrar, para aqueles que não investigam a natureza real das coisas). Através dessa meditação, o ignorante (que é inveterado na crença da existência de Māyā) é emancipado e é repetidamente incitado (a executar ações que levam à escravidão e libertação por Māyā, que assume as formas de conhecimento falso e ignorância). (A mesma Māyā) traz à existência o fim e objetivo (quádruplo) da existência humana (isto é, conduta correta, afluência, realização de desejos e libertação, assim como seus opostos). É só por meio disso que o mundo fenomênico é sustentado. (Essa Māyā), que (aos olhos do ignorante) é tão cheia de prestígio como a mãe (de todos os mundos) e a causa principal de todas as criaturas, (quando examinada de perto) demonstrará ter (em realidade) tanto um início quanto um fim. (No entanto, por suscetibilidade à ação caracterizada por ritmo, inércia e mobilidade), ela é de cor branca, preta e vermelha (respectivamente) e produz todos os desejos nutridos do glorioso (Jīva), permeando o mundo de formas grosseiras, (como a vaca celeste, Kāma-dhenu). (O Jīva) desfruta do que ela produz (e a traz para dentro do alcance de sua experiência), embora ela (seja inexistente na realidade e) não possa ser abarcada por ele; mais ainda, ela não foi percebida nem mesmo por (Sanaka e outros grandes sábios que são) os filhos (de Brahman) (como realmente existente nem realmente atuante nem como um mero reflexo de Brahman, nem como totalmente inexistente, eles estando firmemente estabelecidos no Brahman inigualável, atingível apenas através da negação de todas as coisas à parte de Brahman).

---

[c] "O agente de sobreposição, a (Maya) Não-nascida, a mãe néscia inveterada óctupla das modificações; assim é estendida e novamente estimulada. O mundo sob tal poder e orientação dá origem aos valores do homem. A poderosa Maya do Senhor, tendo um princípio e um fim, a criadora, traz os seres à existência; branca, preta e vermelha (Ela) realiza todos os desejos. (O ignorante) experimenta essa Maya não-objetiva (cuja verdadeira natureza é) desconhecida (até mesmo) para sábios como Kumara. Somente o Senhor que (a) segue livremente desfruta de Maya (como seu Senhor e Companheiro)."

A Descrição do Jīva e do Īśa

7-10.[d] (Dos dois, o Jīva e o Īśa, que têm entre si a relação de causa e efeito), o único (o Jīvātman), o radiante e poderoso soberano que é senhor de si mesmo, que está situado no corpo e sabe através de meditação e ação (que tudo isso é apenas o concomitante da ignorância), desfruta do mundo fenomênico sob a pressão das circunstâncias. (Embora ele seja independente por si mesmo, o Jīva, sendo dominado pela ignorância de seu caráter real, absorve o suco de Pippala do resultado de sua própria ignorância.) Nessa ignorância (que é o resultado de Māyā), aqueles de grande alma (proficientes nos Vedas) veem (a influência de Māyā, a mãe da Avidyā) atuando comumente em todas as pessoas ignorantes e induzindo nelas a crença de que ela realizaria os desejos de seu coração, (bem como) a única ave Suparṇa, que subsiste do suco de Pippala (bebido por realizadores de sacrifícios, que, em sua ignorância, acreditam que tal consumo dará o fruto desejado). Os Adhvaryus (os adeptos do Yajur-veda), que completaram o seu curso de estudo daquele Veda, cantam (as glórias) do outro Haṃsa, (o Īśvara, que mata o ciclo recorrente de existência mundana dedicado ao desfrute dos frutos dos Karmas prévios inesgotados, que é diferente do Jīva), como o não-inconstante (em contraste com o Jīva dos três envoltórios, o grosseiro, o sutil e o causal, que estão sujeitos a mudanças) e como indiferente, (e não sujeito ao apego de nenhum tipo em relação ao suco de Pippala, indicativo de ignorância da natureza real do Ātman). (Da mesma forma), os adeptos do Ṛg-veda, que são bem versados nos Śāstras, louvam (o Parahaṃsa), de acordo com o louvor dado pelos Yajur-vedins. Assim também são cantados (em louvor ao Parahaṃsa), os cânticos Rathantara e o Bṛhat-sāman, que têm quase o mesmo efeito, pelos cantores do Sāman de sete canções. Os adeptos do Atharva-veda, os Bhārgavas, tendo Bhṛgu como o líder do clã, (Śrukrācārya e outros), realmente estudam a Mantropaniṣad bem como o Veda, da maneira peculiar conhecida como Pada-krama, (às vezes do modo como a ouviram recitada, às vezes palavra por palavra, e às vezes na ordem prescrita), (em que é relatado que o Jīva é o desfrutador, o Īśvara é indiferente ao desfrute e Paramātman é o que é estabelecido pela negação da diferença entre o Jīva e o Īśvara, respectivamente caracterizados pelo desfrute e o não-desfrute dos frutos da ação).

Kāla e Outras Formas Diversas em Relação ao Ātman Somente

11-13.[e] Vratya, o coaluno (de Bhṛgu), Stambha, também Phalita, Anaḍuh, Rohita e Ucchiṣṭa, esses sábios veem (o Brahman) amplamente, (na atitude, "Eu

---

[d] "Ele desfruta dela através de contemplação e ação. Ele, o onipresente, sustenta (a Ela) que é comum a todos e a cada um, a concessora (de objetos desejados) e que é desfrutada pelos sacrificadores. Os (sábios) magnânimos contemplam (na esfera de) Maya a ave que come os frutos (dos Karmas). Os sacerdotes que completaram seu treinamento vêdico declararam o Outro como desapegado. Os mestres do Rig-Veda, bem versados nos Shastras, repetem o que os Yajur-Vedins declararam. Os peritos no Sama-Veda também, cantando Brhatsama e Rathantara (reafirmam essa verdade). Sábios (vêdicos) como Bhrigu e os Bhargavas – esses seguidores do Atharva-Veda, praticando o Veda, os mantras e as doutrinas secretas, na sequência sobre Palavras, (todos estabelecem a mesma doutrina)."

[e] "O fiel condiscípulo, firme e talentoso, o Touro vermelho, o Remanescente sacrificial – como todos esses, em relação à Sua imensidão; e como Tempo, Vida, a ira divina, o Destruidor, o grande Senhor, o Devir, Rudra, o Protetor dos Jivas, o Recompensador dos virtuosos, o Senhor dos seres vivos, o Virat, o

sou o Brahman"). O grande senhor é louvado como Kāla (o que extingue todo o mundo fenomênico de seres durante o grande dilúvio, assumindo a forma de Kālāgni-rudra), Prāṇa, (o princípio vital), o Bhagavat, (que é dotado das seis qualidades de poder, riqueza, valor, fama, conhecimento e desapego), o Irado, (impaciente com o que está separado do Ātman), o Śarva, que matou toda paixão e é a quietude personificada; o Bhava (que é perpetuamente existente), o Rudra (que afasta o desejo pela existência mundana), o Śarāvat (o protetor dos Jīvas), o Sādhura (o amigo dos justos), o Prajāpati, o protetor de sua progênie, o Virāj (que brilha em seu próprio esplendor), o Pūṣan (que nutre a todos) e o Salila (a água que sustenta a vida). Dessa forma, o glorioso Brahman é sempre louvado (extensamente) pelos deuses conhecidos pelo Atharva-veda, por meio de louvores contidos nos (sete crores) de hinos.

O Paramātman Considerado como Diverso Quando Observado de Diferentes Pontos

14-16.[f] A Ele (o Parama-puruṣa adorado desse modo,) um grupo de pensadores considera como (o Īśvara-tattva) composto de vinte e seis Tattvas, [Os cinco elementos, terra, água, fogo, ar e éter, os cinco ares vitais, Prāṇa, Apāna, Vyāna, Udāna e Samāna, os cinco órgãos de percepção, o ouvido, o tegumento, o olho, a língua e o nariz, os cinco órgãos de ação, o ânus, os genitais, as mãos, os pés e o órgão vocal, os quatro sentidos internos, a mente de volições, a mente pensante, o intelecto e a individualidade, esses constituem os vinte e quatro Tattvas (realidades eternas). O Vyakta, (a frágil Avidyā), que tomou forma definitiva a partir do Avyakta (a fonte primordial nebulosa e indistinta de toda Avidyā) é o vigésimo quinto. O Avyakta é o vigésimo sexto. Os primeiros vinte e cinco juntos constituem o Jīva, enquanto que os primeiros vinte e seis juntos abrangem o Īśvara, o Paramātman]. Outros consideram que o Paramātman abrange os vinte e sete Tattvas, (ele sendo a testemunha passiva, sensível, com o estado equilibrado insensível dos três Guṇas, ritmo, mobilidade e inércia, distintamente atribuídos a ele como Upādhi.] Outros ainda, proficientes no Atharva-veda, consideram o Mahā-puruṣa, que é desprovido dos três guṇas, como o Sāṃkhya-puruṣa, formando o cume do Atharva-veda, (no qual essa computação dos Tattvas se baseia totalmente). Outros ainda consideram o Paramātman como não-dual, (depois de estabelecer a identidade entre Jīvātman e Brahman), enquanto outros o consideram como a existência dual. Outros além disso o consideram como triplo (consistindo em Brahman, Viṣṇu e Rudra). Há ainda outros que o consideram como quíntuplo (como do caráter dos cinco Brahmans, isto é, Brahman, Viṣṇu, Rudra, Īśāna e Sadāśiva). Os Dvijas dotados do olho do conhecimento (que são elevados conhecedores de Brahman), veem no que é aparentemente o mundo fenomênico, que contém as várias ordens de criação, começando de Brahman, (até o reino mineral inanimado), o Senhor

---

sustentador e as Águas (da vida), é o Onipenetrante louvado pelos seres exaltados nos mantras e bem conhecidos pelo Atharva-Veda."

[f] "Alguns afirmam que Ele (o grande Senhor) é o vigésimo sexto (Princípio); outros que é o vigésimo sétimo; os mestres do Atharva-Veda e das Upanishads do Atharva conhecem os Espíritos além das qualidades, como demonstrado no Sankhya. O manifesto e o imanifesto foram contados (juntos) como vinte e quatro. (Alguns) O declaram como não-dual; como dual; como triplo; e da mesma forma como quíntuplo. Aqueles que veem com o olho da sabedoria, os nascidos-duas-vezes, percebem que Ele abrange tudo, de Brahma aos galhos, como um só, inteiramente puro, onipenetrante."

abundante e onipotente, que é transparentemente alvo, o Brahman inigualável somente.

Tornando-se Brahman Através da Realização do Brahman no Qual Todos Encontram a Dissolução

17-20.[g] No Parameśvara, onde todas as coisas criadas, animadas e inanimadas, de Brahman até as ordens mais baixas da criação, tiveram sua origem e sustento, somente lá todas elas encontram a dissolução, assim como todas as correntes alcançam o oceano. Naquilo (que forma a base da reabsorção periódica de todas as coisas criadas), todos (os Jīvas, que encarnam devido à preponderância de seu Karma previamente acumulado), encontram sua dissolução (quando o seu Karma se esgota totalmente através de uma série de reencarnações) e os Jīvas, assim dissolvidos, atingem o estado de Avyakta (como pó de ouro e similares misturados com as sobras de alimento), e nascem de novo na época de sua criação, assim como bolhas na superfície da água. Tudo o que existe, estando sob o controle do Kṣetrajña (o Paramātman), passa a existir mais uma vez, por várias razões, (e não por sua livre escolha). A quem os conhecedores de Brahman veem nessa luz? Esse é o Senhor onipotente, o Paramātman. Outros conhecedores de Brahman, que percebem repetidas vezes que o que resta após a negação de todas as coisas à parte do Ātman é unicamente o Brahman, esses conhecedores elevados, tendo cumprido plenamente os seus deveres, se tornam o Brahman somente. Aqueles que estão apenas parcialmente qualificados, por olharem repetidamente para as coisas que são captadas pelos seus sentidos internos e externos, na atitude "Isso é o Brahman", "Isso é o Brahman", se tornam os conhecedores de Brahman (ao adquirem gradualmente o conhecimento perfeito do Avyakta, que é o Brahman, em consequência do que, afinal, eles atingem o estado perfeito de Brahman. Simultaneamente com isso, todos os Upādhis (limitações) sobrepostos ao Brahman encontram sua dissolução. As limitações assim dissolvidas alcançam a forma do Avyakta, isto é, o Brahman. (Pela prática constante, eles não se apegam nunca mais à existência mundana.) Assim diz a Upaniṣad.

---

[g] "Aquilo no qual esse poder múltiplo, móvel e imóvel, é tecido – naquela mesma coisa ele também se funde como os rios no mar. Em Aquilo no qual os objetos são dissolvidos e, tendo sido dissolvidos, se tornam imanifestos, eles obtêm manifestação novamente; eles nascem de novo como bolhas. Eles surgem em virtude de causas supervisionadas por seres individuais que conhecem "o campo". Esse é o Senhor abençoado, assim outros declaram repetidamente. Aqueles brâmanes que (apenas) conhecem Brahman – lá apenas eles se dissolvem; e sendo dissolvidos, eles existem no Avyakta. Tendo sido dissolvidos, eles existem no Avyakta – essa é a doutrina secreta."